

Educomunicação: uma reflexão filosófica a partir do cinema¹

Tiago Correia da SILVA²

Carolina Fernandes da Silva MANDAJI³

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Partindo do conceito de educomunicação (SOARES, 2011), seus objetivos e finalidades desenvolvemos uma reflexão filosófica, levando em conta a subjetividade e a empatia, a estética, a ética e a política intercalando autores clássicos como Aristóteles, Platão, Agostinho e modernos e contemporâneos como Kant e Stein, para pensarmos o cinema, enquanto produção midiática, como um recurso para esse processo de aprendizagem que pode contribuir para criação de ambientes mais criativos e democráticos e sujeitos com maior sensibilidade e consciência ética e política. De tal forma que a partir de uma revisão bibliográfica propomos uma atitude filosófica no que tange cinema e educação.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; educação; filosofia; educomunicação; cinema.

INTRODUÇÃO

Diferente de outros trabalhos que tratam do cinema no processo educacional, em que temos temas curriculares a serem expostos para os quais procurarmos filmes, neste artigo abordamos como, através da educomunicação, podemos formar sujeitos capazes de construir leituras críticas a partir de diferentes produções cinematográfica. Apresenta-se o educador como mediador desse processo, capaz de propor que estes sujeitos pensem em temas filosóficos através do cinema.

Para tanto partimos da conceituação de educomunicação, tratando da sua interface entre a educação, aqui compreendida principalmente nos moldes da teoria pedagógica de Edith Stein⁴; e comunicação, a partir dos seus pressupostos linguísticos. Com base nos estudos de Ismar de Oliveira Soares (2011), estabelecemos os objetivos e finalidades desse “novo” campo dos estudos comunicacionais, que entendemos poder ser aplicado não só às

¹ Trabalho apresentado no DT 06 – Interfaces Comunicacionais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Bacharel e Licenciado em Filosofia (UFPR), cursa Bacharelado em Comunicação Organizacional (UTFPR) e especialização em Filosofia da Educação: Ética, Política e Educação (UFPR), email: tiago.cds@outlook.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Organizacional da UTFPR, email: cfernandes@utfpr.edu.br.

⁴ Edith Stein (1891-1942), filósofa e educadora alemã, foi uma das primeiras teóricas a usar do método fenomenológico de Husserl e a partir de sua prática docente desenvolveu uma teoria pedagógica.

instituições de ensino formais, mas também ao conjunto das diversas organizações que formam a nossa sociedade nos mais múltiplos segmentos.

No segundo ponto, propomos uma reflexão a partir de problemas filosóficos: a subjetividade e a empatia, a estética, a ética e a política, e apontamos como esses elementos podem ser inseridos em uma leitura do cinema como recurso para educomunicação, que, assim como a filosofia, visa a formação de sujeitos com pensamentos autônomo e crítico.

1. O conceito, objetivos e finalidades da educomunicação.

A educomunicação é um campo relativamente novo de conhecimento, que embora encontre seus predecessores teóricos entre Jesús Martín-Barbero⁵ e Mario Kaplún⁶ no contexto internacional, no Brasil seu estudo sistemático se dá a partir da década de 1990. Este campo nasce da interface existente entre a comunicação e a educação, que SOARES assim define: “a educomunicação se caracteriza por criar e desenvolver “ecossistemas educativos”, qualificados como abertos e criativos, em espaços educativos.” (2011, p. 43).

Estes “ecossistemas” têm como ponto forte uma metodologia de ensino baseada no diálogo no qual as relações interpessoais e comunicativas são colocadas de tal forma em evidência que a aprendizagem se junta à convivência, formando uma aprendizagem colaborativa, algo não distante da teoria pedagógica de Edith Stein (2003).

Se pensada dentro da educação formal, a educomunicação tem um lugar no fortalecimento de ações que visam cada um dos alunos, no que se refere à criatividade e à concatenação dos diversos conteúdos curriculares, de forma que formem sentidos aos discentes, bem como na valorização da convivência e na construção de soluções democráticas por meio da informação e do diálogo.

A criação desse “ecossistema” tem como objetivo a formação de habilidades práticas, que se iniciam em uma leitura crítica da mídia e que paralelamente,

se traduza no poder de uso (capacidade de produção midiática alternativa), em função dos projetos de interesse da comunidade educativa, da disseminação da ciência, assim como do tratamento dos diferentes conteúdos curriculares. (SOARES, 2012, p. 47)

⁵ Jesús Martín-Barbero (1923), semiólogo e filósofo, nascido na Espanha vive na Colômbia, e a partir da experiência latino-americana desenvolveu uma teoria da comunicação conhecida como teoria da mediação.

⁶ Mario Kaplún (1923-1998), radialista argentino, com passagem por vários países da América Latina, que, a partir de sua prática junto ao movimento popular, elaborou uma reflexão sobre a comunicação educativa, implementado metodologias de leitura crítica da mídia. (SOARES, 2011, p. 64)

Assim sendo, a educomunicação tende a ser no ambiente escolar um exercício que se desprenda da abstração teórica e passe a instanciar esse conjunto de conhecimentos teóricos (curriculares) em atividades práticas, mediação esta necessária, pois o esvaziamento de sentido na aplicação dos conteúdos ensinados respondem por um dos pilares que elevam a crise na educação.

Porém é importante observar que restringir a educomunicação à educação formal (instituições de ensino) consiste em perder a dimensão que educação se trata de um processo de aquisição de conhecimento que extrapola estas intuições e abrange todos os aspectos da vida humana⁷ assim como acontece com a comunicação que, com o advento das novas tecnologias, passa a se impor cada vez mais a todos os campos de nossas vidas.

Esta abrangência, tanto do campo da educação como da comunicação, possibilita ao profissional com conhecimento em educomunicação uma atuação ampla, que abrange desde o sistema educativo; sistema midiático; terceiro setor até o mundo empresarial, ou seja, estende-se à infinidade de organizações que compõem nossa sociedade e são cada vez mais complexas e inter-relacionadas, lugares em que se faz necessário um verdadeiro processo educ comunicativo, e que responda à demanda pela construção de ambientes de trabalho, mais criativos, dialógicos e colaborativos.

Assim sendo, a análise desse processo deve iniciar-se na gênese do que torna possível a comunicação, que é a percepção do “eu”; “a ‘subjetividade’ de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como sujeito” (BENVENISTE, 1988, p. 284), esta afirmação de Benveniste sustenta que todo o enunciado tem um “eu” presumido, e que tal percepção é capaz de explicar a linguagem e conseqüentemente a comunicação, o que nos faz lembrar do antigo aforisma grego⁸ “γνωθι σεαυτόν” (conhece-te a ti mesmo) que fora imperativo do processo educacional.

⁷ A amplitude desse processo de conhecimento e autoconhecimento ao qual chamamos de educação é expresso com maestria pela filósofa e educadora alemã Edith Stein: “A todo conocimiento le corresponden três elementos: um objeto o assunto, que es conocido; un sujeto o una esencia espiritual, que conoce, y la actividad o e acto del conocer. Hay diversos modos de conocer, según sean los temas. Por ejemplo, para conocer una cosa del mundo exterior, será necesaria la percepción sensorial de la vista, del oído, etc. Quiero conocer algo que sucede dentro de mí mismo, em mi alma, para esto no me dirven los sentidos externos. Es necesario outro modo de conocimiento, una percepción interior o contemplación. Finalmente, si quiero conocer las leyes, por ejemplo, de los números o de las formas geométricas, no me serán úteis no la percepción exterior ni la interior. Para ello se nesecita algo que viene designado como ideal o pura percepción. (STEIN, 2003, p. 63). Visto a envergadura desse processo epistemológico que é mediado pela educação, restringi-la a educação escolar nos parece um erro.

⁸ Citado por Platão em vários de seus diálogos: *Fedro* 229E, *Filebo* 48C, *Leis* II.923A, *Alcibiades I* 124A, 129A, 132C. (Para as referências foi usado o sistema de Estefano para o *corpus* platônico). Com a evolução da escola platônica, e com a adoção dessa filosofia pelo cristianismo este aforisma foi paradigmático durante toda a Idade Média e se reflete na educação que carrega a tradição filosófica e cristã.

Assim sendo, a educomunicação aplicada a uma instituição de ensino ou a qualquer outra organização deve começar com a compreensão da individualidade de cada um dos agentes desse processo e ajudar esses agentes a criarem uma verdadeira percepção de seu próprio “eu”, na qual cada um se reconheça como sujeito ativo no processo comunicativo e consequentemente educacional.

Temos então, na continuidade da análise da linguagem proposta por Benveniste, um segundo ponto que nos parece interessante, tendo em vista o processo educacional, que é a relação “*eu-tu*”. Segundo o linguista: “A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha locução um *tu*. Essa condição de diálogo é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade. ” (BENVENISTE, 1988, p. 286), e o mesmo autor ainda justifica esta afirmação ao propor que toda a enunciação é composta por categorias enunciativas, sendo que uma delas é a categoria de pessoa, em que se encontram o “eu” e o “tu”, sendo estas categorias⁹ que permitem passarmos da abstração da língua para a fala e assim iniciar um processo comunicativo.

Se Benveniste, ao estudar a linguagem e, por consequência, a comunicação (BENVENISTE, 1988, p. 286), faz clara referência ao senso de reciprocidade, em educação esta relação se dá por meio da descoberta da alteridade e na criação de um senso de comunidade, o que é expresso nas palavras de Edith Stein:

Viver em comunidade como homem quer dizer, em boa medida, vê-los atuar e atuar com eles. Viver entre as obras do homem, quer dizer vê-las aparecer e desaparecer, ser formado por elas e ajudar a que outros se formem com elas: a vida do homem é uma vida cultural. O mundo de homem é um mundo espiritual e plural, constituído por pessoas individuais e por comunidades, por formas sociais e por obras do espírito. (STEIN, 2003, pp. 593-594 – tradução nossa)¹⁰

Esse senso comunitário proposto pela filósofa tem por pressuposto que todos somos dotados de empatia, que é capacidade e compreender os outros seres humanos, as suas vivências, os seus estados de alma, os sentimentos. Não é uma prática que se aprende ou aplica quando há necessidade, mas é conatural ao ser humano (STEIN, 1998, pp. 45-50), o

⁹ Junto a categoria enunciativa de pessoa, estão também alocadas as categorias de tempo e espaço.

¹⁰ “Vivir en comunidad con hombres quiere decir, em buena medida, verlos actuar y actuar con ellos. Vivir entre obras del hombre quiere decir verlas aparecer y desaparecer, ser formado por ellas y ayudar a que otros se formen por ellas: la vida del hombre es vida cultural. El mundo del hombre es un mundo espiritual pluriforme, constituído por personas individuales y por comunidades, por formas sociales y por obras del espíritu.” (STEIN, 2003, pp. 593-594)

que vai ao encontro dos ideais da educomunicação de se estabelecer relações dialógicas e democráticas nas quais cada indivíduo se sinta partícipe e ativo no processo comunicativo, algo implicado nessa percepção do outro e da comunidade.

Tendo em conta a conjunção existente entre comunicação e educação, passamos ao tratamento das habilidades construídas no “ecossistema educacional” que, segundo Ismar de Oliveira Soares, são: 1. A leitura crítica da mídia; 2. Capacidade de produção midiática. (2011, pp. 46-47).

Desde a geração *Baby Boomers* até a geração alfa o nível de exposição aos meios de comunicação foi sempre crescente¹¹, somando-se os antigos formatos a novos, de tal forma que a última geração é herdeira das três telas: TV, computador e celulares. Devido à familiaridade com a mídia, podemos achar que a sua análise seja algo quase natural nos dias de hoje, porém, se almejamos uma análise que ultrapasse o superficial e chegue à crítica, esta é a primeira ideia que temos de desconstruir, pois a análise da mídia demanda conhecimento sobre o formato, parâmetros e natureza da mensagem transmitida, habilidades que a educomunicação visa fornecer a fim de transformarmos um aglomerado de informações em conhecimento.

Uma vez que passemos a ter uma visão mais crítica da mídia, cumpriremos um pressuposto para a produção midiática autônoma; porém este processo não é necessariamente sucessivo, pois o desafio da produção midiática naturalmente nos impulsiona a um olhar diferente sobre a mídia que nos cerca. Entretanto, a produção midiática só se faz com um conjunto de informações (conteúdo da mensagem), um meio de transmissão dessa mensagem e um público que vai recebê-la.

Oferecer um conjunto de informações relevantes aos sujeitos desse projeto e delimitar um público são essenciais, porém a tarefa de escolher entre a variedade de meios de comunicação possíveis – levando em conta a produção jornalística, radiofônica, audiovisual, fotográfica ou virtual – também é relevante, tendo em vista que o melhor meio é aquele que responde às necessidades da comunidade. Uma série de fatores devem ser pensados; por exemplo se falamos sobre crianças da geração alfa, trabalhar com métodos analógicos pode não fazer muito sentido, da mesma forma que o contrário também pode ser verdadeiro - temos de ter em conta ainda a sensibilidade e as referências estéticas desse grupo, bem como

¹¹ As gerações são divididas temporalmente e nomeadas como segue: “De 1960 a 1980 está a geração *Baby Boomers*, de 1980 a 1990 a geração *Y*, de 1990 a 2010 a geração *Z* e a partir de 2010 a geração *Alfa*”, sendo considerado o fator fundamental da crescente exposição midiática o advento da tecnologia cada vez mais acessível. (SANTOS, 2015)

o conjunto de equipamentos e conhecimentos técnicos que se possui para uma produção satisfatória.

Assim, entendemos a educomunicação como um sistema com objetivos bem definidos, pois pretende a formação de agentes sociais mais perceptivos e críticos, que sejam capazes de mobilizar um conjunto de conhecimentos teóricos e muitas vezes abstratos em vista do bem comum.

2. Uma reflexão filosófica sobre o cinema com recurso no ecossistema educacional

A partir destes apontamentos sobre a ideia de educomunicação, seus objetivos e finalidade, sugerimos a adoção do cinema como um recurso possível para efetivação deste ideal, tendo em vista que pode contribuir para o aprendizado¹², seja por afetar nossas emoções, seja por sua dimensão estética ou mesmo por sua função político e social; a seguir tratamos separadamente de cada um desses campos, orientados por uma leitura filosófica, com a ressalva que esta divisão é puramente metodológica pois embora o processo epistêmico seja diverso para cada um desses pontos ele se dá de forma conjunta.

Se visamos a adição do cinema ao “ecossistema educacional” o fazemos por considerar a educação um processo amplo, algo corroborado pela reflexão de LOUREIRO:

Ao considerar a educação uma prática social ampla que se dilui em vários momentos da vida social e, portanto, não se restringe às instituições formais de ensino, é possível situar a produção fílmica não apenas como manifestação do tornar-se humano, mas também como elemento fomentador desse processo.

Ao comporem uma determinada dinâmica de vida de homens e mulheres, os filmes também participam na formação de valores éticos e juízos de gosto e, nesse sentido, portam uma faceta educacional. (2008, p. 136)

Partindo deste contexto, sabemos que tanto o processo comunicativo como o educacional partem de sujeitos, que tem de ser entendidos em sua singularidade e que tem de se reconhecer como singulares, ou seja, se autoconhecer. Para tanto temos de entender esse processo de conhecimento, que como nos explica Edith Stein, não é sensorial, nem racional em sentido puro, mas é dado por uma percepção interior ou contemplação (STEIN, 2003, p. 68), e é o que nos desafia, pois, como levar os sujeitos desse processo a esta forma específica

¹² Desde a década de 1920 existem estudos sobre a função formativa do cinema, em paradigmas que foram mudando ou se sobrepondo durante o tempo, já se viu o cinema a partir de um protocolo moral, cultural ou midiático, hoje tendemos a pensar no cinema em sua função pedagógica. Sobre a história da relação cinema/educação. (MORETTIN, 1995, pp. 13-19.)

de conhecimento, que é diferente, por exemplo, do ensino das ciências naturais (sensível) ou da matemática (racional), vemos que um dos modos seja através do cinema.

A sensação de realidade advinda, no cinema, das imagens em movimento¹³, mais o som, é diferente ao que acontece com as imagens fixas da fotografia, ou com as imagens criadas na literatura ou no teatro. Metz explica: “o filme nos dá o sentimento de que estamos assistindo diretamente a um espetáculo quase real. Desencadeia no espectador um processo ao mesmo tempo perceptivo e afetivo de “participação” (1972, p. 16), de tal forma que, através de um filme, podemos compreender melhor as relações humanas e experimentamos emoções, o que pode nos fazer pensar pessoalmente no conjunto de emoções que nos afetam, nas atitudes que temos movidas por sentimentos e uma série de outras possíveis reflexões sobre esse recôndito, que é a interioridade que compõe a pessoa e, de alguma forma, é expressa pelo cinema.

Essa função formadora da pessoa que atribuímos ao material cinematográfico é ancorada nas reflexões de Blasco:

O cinema é também um elemento humanizador, um modo de explicar a vida humana, sendo como é arte. Mas não simples estética, um ídolo monolítico erigido pelo apurado gosto do cinéfilo requintado. Não; o cinema é mais que isso. É um jeito de ver a vida, os homens, de aproximar-nos deles para entendê-los. Uma lente que nos ajuda a explicar o acontecer humano e, mais do que explicar, sentir como os homens, em concórdia – que é coração junto a coração, como dizia Ortega. (BLASCO, 2006, p. 12)

Este trecho de Pablo Basco aponta para importância do cinema na formação do “eu” e sua função na formação afetiva do sujeito - que é o tema de trabalho desse autor - condição necessária tanto para o processo comunicativo como educacional. Mais que isso, demonstra que sempre que nos preocupamos com a formação individual de um sujeito também estamos a melhorar suas relações com o outro, esse passa a compreender melhor não só o “eu” mas também o “tu”, descobrindo a concórdia como citado por Pablo Blasco, ou segundo o conceito fenomenológico, a empatia que Ales Bello, ao comentar Stein, classifica de alguma forma como um fenômeno comunicativo, pois a possibilidade de eu sentir que o outro está vivendo aquilo que eu mesmo posso viver, para essa autora “significa que nos comunicamos, mas ao mesmo tempo somos diferentes: nós temos uma vida autônoma, apesar de existirem

¹³ Christian Metz diz que é o próprio movimento é que garante essa realidade suplementar ao cinema, pois “o movimento dá consistência às formas... garante a corporeidade dos objetos” e “o movimento contribui para a impressão da realidade de modo direto, visto que ele próprio aparece como movimento real. Há de fato uma lei geral da psicologia conforma a qual o movimento, desde que percebido, é em geral percebido como real.” (METZ, 1972, pp. 20-21)

estruturas comuns que, de vez em vez, se ativam (ALES BELLO, 2004, p. 119), relação está entre o subjetivo e comunitário que é um dos aspectos que o cinema pode nos fazer pensar.

Outro, ponto a ser considerado é que a produção cinematográfica é uma expressão estética, e que a contemplação estética é formadora. Porém se perguntarmos a que modelo epistemológico responde à estética e aceitarmos a tese kantiana¹⁴, veremos que esta trata da subjetividade e para Kant está no nível dos sentimentos, formando, não juízos objetivos, mas sim juízos de gosto, o que em nosso caso liga a função estética do cinema de forma intrínseca a formação da subjetividade com já tratado acima e garantem ao cinema como arte certa independência em relação aos demais estruturas sociais.

Porém podemos recuperar, da filosofia clássica e medieval (Platão, Aristóteles, Agostinho, Tomás)¹⁵, que a função formativa da estética não é simplesmente subjetiva, mas está intimamente ligada a formação ética e política do sujeito. – o que fica claro na tese platônica que o bem e o belo são ideias comuns, de tal forma que ao atingir partes de uma dessas ideias por consequência também toma parte da outra, ou seja, ética e estética estão intimamente ligadas - O que nos faz pensar que, através de um conjunto de filmes, temos acesso não só a uma produção artística, mas por meio do valor estético dessa produção existe a transmissão de um conjunto de valores (o que os filósofos clássicos chamariam de virtudes e seus contrários vícios).

Assim sendo o cinema pode nos fazer pensar sobre direitos e responsabilidades, oferecendo aos membros desse ecossistema educacional elementos para deliberação sobre suas ações em relação a coletividade com um verdadeiro senso democrático, passamos a considerar que a influência estética é também formadora de nossas ações.

Já se analisamos o segundo objetivo da educação, que é fazer com que os envolvidos nesse processo se tornem produtores autônomos, o cinema oferece algo fundamental para qualquer produção que são referências, fazendo com que os sujeitos desse processo passem a observar os elementos estéticos dos filmes comerciais e sejam apresentados a novas produções alternativas, nacionais e mesmo independentes a fim de que

¹⁴ “Estético, com efeito, significa, de acordo com o respectivo texto (KANT, **Crítica da Faculdade do Juízo**, §§ 18-22), algo de subjetivo... as qualidades segundas podem ainda graças às formas à priori do sujeito (nomeadamente o espaço e depois as categorias), serem objetivas: “a cor verde dos prados”, dirá Kant um pouco adiante “é uma sensação objetiva enquanto percepção de um objeto dos sentidos, ao passo que o caráter agradável é uma sensação subjetiva, pela qual nenhum objeto é representado”. (REIS, 1993, pp. 85-113)

¹⁵ Toda a educação clássica (seja a Paidéia grega, a educação romana ou a educação cristã tardo-antiga ou medieval) era orientada para a formação de cidadãos, de tal forma a realizar completamente a natureza humana (ser racional e político) e que só era possível por meio da *καλοκαγαθία* o ensino do belo e do bom (estética e ética). Estas concepções de ensino estão presentes durante toda a antiguidade e medievo e são encontradas por exemplo nas obras de Platão, *Leis* 7810^o; Aristóteles, *Política* 1340b; Agostinho, *Sobre a Ordem* II, V, 14; Tomás, *Suma Teológica* I-II, q.27, a.I, ad. 3.

sejam envolvidos nas mais diversas referências visuais dos filmes, sua fotografia e cores, seu *time*, trilha sonora e mesmo a narrativa que transpassa a obra como um todo, formado assim um arcabouço de argumentos sobre tantos temas quantos podem nos oferecer o cinema; conjunto de elementos necessários para se pensar uma produção midiática própria.

A educomunicação visa ainda que cada uma destes sujeitos se tornem agentes críticos em relação a mídia que os cerca, e a leitura do cinema certamente pode ser mediada nesse sentido a fim de que passemos de consumidores de toda e qualquer produção, sem tempo para deter sobre ela um olhar mais reflexivo à pensadores do material cinematográfico.

Para tanto é necessário que cada um dos sujeitos seja membro ativo no processo comunicativo e não só isso, mas sinta-se parte de uma comunidade, com autonomia para expressar opiniões e maturidade para aceitar as opiniões contrárias, e a partir desse processo, que nada mais é que expressão do método socrático¹⁶, a leitura cinematográfica se dará em outra ótica, na percepção de que o argumento de um filme é orientado para uma determinada compreensão do mundo e da sociedade, que esta marcado por tendências e ideologias que podem ser aceitas ou contestadas, esse processo de identificação de ideias no cinema só é possível e fará diferença se os elementos de mediação entre o filme e sua crítica forem feitos por um educador que tenha em conta a sua responsabilidade na formação da consciência política.

Entendemos aqui a consciência política no seu sentido filosófico clássico, que é reconhecer de forma natural que o homem é um animal social¹⁷, e que por viver em sociedade tem responsabilidades não só com o particular, mas também com o bem comum ou público – aquele que não só deve ser comum a todos mais também de acesso de todos - e por isso deve sempre agir sempre de forma ética.

Esses elementos em um “ecossistema educacional” que visa um espaço de convivência, partilha de informação e relações democráticas deve se dar de forma natural, uma vez em tal ambiente essas ideias podem ser vivenciados e também contestadas socialmente, e para tal crítica podemos usar do cinema, pois este nos insere em uma infinita possibilidade de mundos, porém todos eles marcados pela convivência e por relações entre informação e poder, frente a essas relações, como espectadores temos acesso privilegiado a

¹⁶ O método socrático é apresentado nos diálogos platônicos principalmente em *Banquete* e é formado de dois momentos, fazer com que o interlocutor tome consciência de suas contradições sobre o tema tratado, ou seja, seu não conhecimento e um segundo momento que é conhecido como maiêutica possa trazer suas ideias já devidamente lapidadas sobre o tema. Enfim, o método consiste em confrontar argumentos por meio do diálogo fazendo da ignorância motor para o conhecimento.

¹⁷ Nas palavras de Aristóteles: “É que o humano está implicado nos outros e está naturalmente constituído para viver com outros” (ARISTÓTELES, *Ética a Nicomaco*, 1169b3).

informação, porém nem sempre pensamos como o acesso a essa visão exterior é determinante para as relações de poder, um aspecto a ser pensado que contribui a análise de Lafer:

Na condição de possibilidade para um juízo correto, sem o qual não há liberdade de opinião, esta a exigência de uma informação exata e honesta. Por isso, o direito à informação, tal como previsto no artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948, está correlacionado à liberdade de opinião e expressão, objetivando assim a igualitária participação da cidadania na esfera pública. E é por este motivo que, por obra do legado kantiano, no como são tomadas as decisões numa democracia, o princípio da visibilidade do poder é constitutivo, pois permite a informação sem a qual todos não podem formar uma opinião apropriada sobre a gestão da coisa comum, para dessa forma exercer seu poder de participação e controle. (1992, p. 233)

Além desse aspecto do verossímil, que garante ao cinema a possibilidade de criar mundos (que é legitimamente filosófico segundo Aristóteles¹⁸) e é parte da essência da produção cinematográfica, devemos pensar nesse outro ponto que é a imbricação entre informação, ética e política.

O cinema ainda nos permite ainda caminhar pela história e observar a partir de nossas lentes, interpretações do passado, o que podem nos levar a toda a sorte de indagações sobre liberdade, igualdade, os direitos humanos e mesmo o uso do poder, reflexões sempre necessárias no ambiente democrático, que além da formação das nossas concepções éticas nos permitem pensar a partir de uma moralidade cosmopolita, que não só respeita a unilateralidade dos sistemas morais de uma tempo e espaço, mas passa pensar em direitos fundamentais aplicáveis a toda uma moral pública, válida em todos os contextos.

Se o profissional de educomunicação orienta o uso do cinema para a criação deste senso político, ele desencadeará em produções midiáticas, sejam elas audiovisuais ou não, com tal senso, o que há de impulsionar uma visão do mundo não simplesmente como paisagem para nossas produções, mais sim que capture-o respeitando suas particularidades e contexto, seja trabalhando com o mundo das possibilidades (o verossímil) ou como uma reprodução do real, essa produção midiática autônoma vai ganhar contornos éticos e políticos, pois “A política ocupa-se do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidades para dizer...” (RANCIÈRE, 2009, p. 17) e a finalidade

¹⁸ Ao comparar a poesia com a história, o Filósofo considera a narrativa ficcional mais próxima da filosofia que a narração dos fatos passados, por permitir a formação de ideias universais: “Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e está o particular. Por "referir-se ao universal" entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convém a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia.” (ARISTÓTELES. **Poética**, 1445b)

da educomunicação é formar sujeitos competentes para assumir essa função de leitores e produtores de informação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto uma reflexão filosófica que se compõe de aspectos que podem parecer ideias abstratas, como a subjetividade e a empatia, a estética ou a ética e a política, se pensadas a partir do cinema, se tornam mais claras e abrem espaços para se pensar produção midiáticas autônomas, assim contribuindo para a formação do “ecossistema educacional”.

Assim a leitura cinematográfica contribui para a formação de cidadãos mais críticos e capazes de uma verdadeira atuação social, seja internamente na organização da qual fazem parte, seja em comunidades mais amplas, que não menos precisam de uma produção midiática autônoma, capazes de conquistar o público por sua sensibilidade estética, capacidade técnica e capacidade de questionar a sociedade que o cerca.

REFERÊNCIAS

ARISÓTELES, **Ética a Nicomaco**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____. **Poética**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

ALES BELLO, Angela. **Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião**. Bauru, SP: EDUSC.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Editora Unicamp, 1988.

BLASCO, Pablo Gonzáles. **Educação da afetividade através do cinema**. Curitiba: IEF, 2006.

LAFER, Celso. A mentira: um capítulo das relações entre a ética e a política. In: **Ética** (org. NOVAES, Adauto), São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

LOUREIRO, Robson. Educação, cinema e estética: elementos para reeducação do olhar. In: **Revista Educação e Realidade**, nº 33, Jan/Jul 2008.

METZ, Christian. **A significação no cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: Estética e política**. São Paulo: EXO, 2009.

MORETTIN, Eduardo Victorio. Cinema educativo: uma abordagem histórica. In: **Comunicação e Educação**, São Paulo, Set/Dez 1995, pp. 13-19.

REIS, João Encarnação. A função do estético. In: **Revista de Filosofia de Coimbra**, nº 3, vol. 2, 1993, pp. 85-113.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SANTOS. Ana Paula. Instrumentos para a gestão do conhecimento: um estudo entre gerações. In: **Seminário de Educação, Conhecimento e Processo Educativo**, vol. I, 2015. Acessado em 10/04/2016 < <http://periodicos.unesc.net/seminarioECPE/issue/view/109/showToc> >.

STEIN, Edith. **Il problema dell'empatia**. Roma: Studium, 1998.

_____. **Obras Completas, IV, escritos antropológicos y pedagógicos**, Madrid: Ediciones El Carmen, 2003.